

## ■ NACIONAL 560: 2007 5.

# “Talvez eu tenha mexido em vespeiros demais”, diz Cardoso

## O recado para o Congresso

por Claudia Safatle  
de Brasília

Nos primeiros 25 minutos de palestra, o presidente Fernando Henrique Cardoso foi professor. Fez uma digressão sobre o modo de produção pós-guerra, falou do dilema entre o nacionalismo e o entreguismo que pautou os debates da década de 50, dos ingressos de capitais externos para investimentos produtivos no período JK. Nos 15 minutos restantes da palestra — que abriu o Seminário sobre as Concessões de Serviços Públicos no Brasil — ele mudou o tom. Era o presidente e o político dando um duro recado para o Congresso Nacional e para os opositores às reformas constitucionais. Comparou-os à contra-reforma, “à época das trevas, em que a Inquisição era contra as Reformas”.

Passados apenas três meses de governo, Fernando Henrique buscou uma explicação: “Talvez eu tenha mexido em vespeiros demais”. E lembrou: “Mas eu disse no meu discurso de posse que mexeria em vespeiros”.

“Eu estou pedindo ao Congresso que assuma a responsabilidade histórica de ajudar o Brasil a dar um salto, e que ele próprio seja o juiz de e onde dar esse salto, em que caso dar esse salto”, prosseguiu o presidente.

“Meu Deus, um poder que não se assume não é poder. Que assumam”, diz Fernando Henrique, que continuou na crítica e desabafa: “o que o governo pediu ao Congresso, a respeito do petróleo? Pediu que o Congresso assumisse a sua responsabilidade. Em vez de deixar que uma empresa — pela qual, por defendê-la, fui processado — como a Petrobrás decida sozinha o que fazer com o petróleo. Por quê? Acaso tem mandato maior que o meu, ou do que o dos deputados? Por que então não perguntar à Câmara e ao Senado se concordam que o gás de Urutu seja explorado em parceria, ou que um setor seja explorado, uma destilaria, pelo capital privado?”.

Sobre a flexibilização do monopólio das telecomunicações, Fernando Henrique também foi incisivo: “E as telefônicas.” Quantos por cento do capital das telefônicas é estatal, os senhores sabem? Será 30%? Esse barulho todo e tem 70% de não estatais, que ganham com o lucro das Teles?”, indagou o presidente a uma platéia de parlamentares, embaixa-



Fernando Henrique Cardoso

dores, representantes de empresas estatais.

“Interessa a quem essa atitude tão radical? Aos funcionários, às corporações?”. Eles, reconheceu, têm o direito de se defender. “Mas nós temos o dever de impedir que o interesse particular se sobreponha ao interesse nacional”, arrematou.

Mantendo o tom de veemência nas críticas às pressões que vem do Congresso contra as propostas de reforma no capítulo constitucional da ordem econômica, Fernando Henrique foi além: “Quando eu pergunto ao Congresso se aceita ou não que, no petróleo, não abra mão da sua prerrogativa de decidir caso a caso, vem alguém de má fé e diz: o presidente vai mandar uma medida provisória. E acaso o presidente é cretino? Talvez, quem sabe”.

Ainda no mesmo tema, acentuou: “Aí dizem, mas meu Deus, e a regulamentação? Mas quem vai fazer a regulamentação?”. Ora, responde o presidente: “Regulamentar o quê, se cada caso depende do Congresso?”.

O tempo é curto. “O tempo urge”, insistiu Fernando Henrique. “Não para mim, não é curto para os senhores, é curto para o País”.

“E o consumidor brasileiro? vai ter que continuar pagando R\$ 7 mil por um telefone o resto da vida? Para garantir o quê? A Telebrás, a Telerj, a Telesp? Elas não precisam disso (...) elas precisam de competir, abrir, ter mais capital”.

Contundente, Fernando Henrique só interrompeu por alguns segundos o discurso, porque um “black out” que por instantes cortou a energia de toda Brasília, deixou os participantes do seminário no escuro e desligados os microfones. Enquanto dois seguranças saltavam imediatamente para a mesa, onde estavam o presidente e os demais ministros palestrantes, alguns na platéia gritavam: “Olha a necessidade das concessões”.